

The background features a collage of historical figures and symbols. On the left, a portrait of a man in a suit and bow tie. In the center, a large, ornate chair. On the right, a portrait of a man in a military-style uniform with a sash. The entire background is in a sepia or brownish tone.

UFRGS

**PROFESSORES
EMÉRITOS**
MEMÓRIAS E HISTÓRIA



UFRGS
PROFESSORES EMÉRITOS
MEMÓRIAS E HISTÓRIA

UFRGS

PROFESSORES
EMÉRITOS
MEMÓRIAS E HISTÓRIA

Clarice Siedler

Édina Rocha

ISRAEL JACOB RABIN BAUMVOL



Entrevista concedida em abril de 2012. Foto: Flávio Dutra

2011

RECEBE O TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO DA UFRGS

112

O CIENTISTA QUE COMBINA SERENIDADE NA VIDA, DISCIPLINA NA PROFISSÃO E INDIGNAÇÃO POLÍTICA

“O curso de Física que fiz forjou a minha coluna vertebral intelectual. Aquele curso não existe mais em lugar algum. Era excelente, ultraexigente e impôs disciplina intelectual. Tive que aprender essa disciplina e depois que terminei a minha graduação nunca mais estudei assim. Estava formado, estava pronto.”

O ambiente bem claro, espaçoso e tranquilo, a música clássica tocando ao fundo e o chimarrão parecem convidar à reflexão e a uma boa conversa. Com o mesmo espírito de serenidade, o professor Israel Baumvol expõe suas ideias e lembranças, nem sempre tão amenas. As consequências da ditadura militar nas universidades públicas, a falta de indignação por parte da população e de vontade política para resolver problemas básicos da cidade, e a necessidade de encontrar mecanismos para dar uso prático ao que os pesquisadores já descobriram são alguns dos temas que preocupam atualmente o físico reconhecido dentro e fora do país por seus estudos na área de Ciência dos Materiais.

113

Israel Jacob Rabin Baumvol entrou na UFRGS pela primeira vez aos doze anos de idade. O professor de Ciências da sua escola levou a turma para conhecer os fósseis que o professor Irajá Damiani Pinto estudava e catalogava. “Achei aquilo muito legal, deslumbrante! Eu era louco por História e como eu morava na Rua Ramiro Barcelos, na frente da Faculdade de Odontologia, voltei lá caminhando.” Ele explica que naquela época os professores não dedicavam sua vida inteira a publicar artigos, tinham mais tempo e se dispunham a conversar com as crianças. Voltou várias vezes, conheceu as coleções de espécies botânicas do professor Alaric Schultz e, em uma dessas visitas, viu que seria oferecido um curso com o professor Dante Laytano sobre história do Rio Grande do Sul. Perguntou se podia assistir. “O professor Laytano, que era uma grande figura, disse que eu poderia desde que não ficasse conversando ou brincando para atrapalhar os outros

1971

CONCLUI A GRADUAÇÃO EM FÍSICA PELA UFRGS

1973 – 1975

É APROVADO EM CONCURSO PÚBLICO E LECIONA NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO POR DOIS ANOS

e a aula.” Frequentou o curso junto a alunos da Universidade e professores. Um dia, indo para lá, viu um anúncio do concerto de uma orquestra. Gostava muito de música, mas na sua casa não havia, pois os pais eram de origem muito humilde, camponeses, e não tinham esse hábito. Assim descobriu a OSPA – que se apresentava no Salão de Atos da Reitoria – e a Rádio da Universidade – que gravava os concertos – e estas duas “instituições” passaram a fazer parte da sua vida até hoje.

O docente que, entre outras homenagens e demonstrações de reconhecimento, recebeu o título de Comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico em 2010, credita boa parte de seu êxito profissional ao professor Fernando Zawislak e à sólida formação que recebeu no curso de Física. “Eu sou cria do Zawislak, assim como o Jornada (Antônio Alziro Hertz da Jornada, presidente do Inmetro – Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial –, que cursou graduação, mestrado e doutorado na UFRGS) e, em certo sentido, também o Lívio Amaral, diretor de Avaliação da Capes-MEC. Esses comendadores são

crias do Zawislak, e ele é um produto do Instituto de Física. Teve o John Rogers como seu mentor intelectual.” Israel explica que todos pertencem à mesma linhagem e receberam comendas por suas imagens e visibilidades nacional ou internacional como pesquisadores. “São muito valiosos os que se destacam em outros países. A realidade é que, no panorama científico e tecnológico internacional, o Brasil ainda é muito pequeno” e por isso tal reconhecimento tem tanto significado.

Em sua opinião, o mais importante, no entanto, foi sua formação profissional. “O curso de Física que fiz forjou a minha coluna vertebral intelectual. Aquele curso não existe mais em lugar algum. Era excelente, ultraexigente e impôs disciplina intelectual. Tive de aprender essa disciplina e depois que terminei a minha graduação nunca mais estudei assim. Estava formado, estava pronto.” Logo depois, foi fazer pós-graduação na USP (Universidade de São Paulo), que tinha fama de difícil, mas achou tudo fácil e aos 23 anos já tinha sido aprovado em concurso para professor daquela instituição.

Quando decidiu dedicar-se à Ciência dos Materiais, o campo estava recém-começando no país, e muitas pessoas nem o consideravam Física de verdade. A UFRGS estava despre-

parada em termos de conhecimento e infraestrutura para atuar, o que fez com que o professor precisasse viajar muito para aprender com outros mestres. Está entre os que instituíram a área na Universidade e, em especial, a Engenharia de Superfícies, cujo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (ligado ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) liderou.

Acredita que foi fundamental em sua formação profissional e humana ter estudado na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, um verdadeiro “caldeirão de ideias”, onde os temas importantes eram discutidos por todos. “A minha conscientização política começou lá. Se alguém me perguntasse qual é a perda maior da Universidade nos últimos tempos, eu diria que sem dúvida é a sua desintegração, que não foi casual, mas absolutamente intencional, planejada, uma estratégia política de acabar com o que havia de melhor: uma extrema aproximação entre todos. Naquela época, além de estudar quatorze horas por dia, ainda lutava contra a ditadura – e eu me meti fundo nisso, inclusive participando dos principais congressos da UNE (União Nacional dos Estudantes) do período.”

Teve aulas com Leônidas Xausa, Ernani Fiori e com Gerd Bornheim,

professores que admira até hoje. Lembra-se do convívio constante e da emoção que era viver naquele ambiente de debate político e de cultura que existia na época. Considera que a perda desse “caldeirão” repercute até hoje, não tanto para os que participaram daquele movimento, “porque uma vez consciente, isso permanece, não se perde mais”, mas para os jovens que vieram depois foi uma perda importante. “Acho que eles nem sabem o que perderam, não têm ideia disso, mas em minha opinião, eles perderam muito: a consciência de cidadão e a consciência política. Desde 1982 ou 1983, quando fomos para o Campus do Vale, nada acontece. Houve uma total desintegração da Universidade.”

Está na UFRGS há 53 anos e atualmente continua trabalhando na qualidade de docente convidado. Diz que “a Universidade é a minha vida, o meu sangue e, é claro, a minha mãe, pelas oportunidades que ela me deu”. Na instituição, destacou-se por suas atividades de ensino e de orientação a numerosos estudantes dos cursos de pós-graduação;

1974

CONCLUI O MESTRADO EM FÍSICA PELA UFRGS

1977

CONCLUI O DOUTORADO EM FÍSICA PELA UFRGS

1984 – 1988

TRABALHA COMO PROFESSOR CONVIDADO NO CENTRO DE PESQUISAS DA IBM, ESTADOS UNIDOS

1989 – 1990

ATUA COMO PROFESSOR CONVIDADO NA UNIVERSIDADE DE HEIDELBERG, ALEMANHA

de pesquisa experimental, com a criação de variados métodos e a fundação de diferentes laboratórios; e de extensão, por ter liderado projetos de cooperação com o setor produtivo, em especial a indústria. Propiciou o acoplamento da instituição a grandes redes de pesquisa do país em seu campo de atuação, que engloba estudos relativos ao processamento a plasma de aços, revestimentos protetores de aços, imunização de polímeros para engenharia biomédica e materiais semicondutores alternativos ao silício.

Desde 2003 é também professor da Universidade de Caxias do Sul, onde fundou e desempenha as funções de coordenador do Programa de Pós-graduação em Engenharia e Ciência dos Materiais. Atuou como professor convidado nas universidades Pierre et Marie Curie (França) e Heidelberg (Alemanha), nos centros de pesquisa da IBM e da Bell, nos Estados Unidos, e foi aprovado em primeiro lugar no concurso nacional público para professor titular das universidades

na França, nomeado para Paris 7, tendo preferido ficar na UFRGS.

Diz que seu esporte favorito é a história da tecnologia, do desenvolvimento e do pensamento em geral, e tem lido livros mais atuais, que mostram que as ciências e a tecnologia têm outra estrutura, estão multiplexadas, multidisciplinares. O vice-coordenador da área de Materiais da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior) explica que no século XX o mundo mudou mais rápido do que em qualquer outra era da história da humanidade. Em cem anos houve inúmeras revoluções tecnológicas: a dos polímeros, a do silício, a da bioengenharia, da própria medicina feita por instrumentos e digitalizada, e muitas outras. Essas descobertas mudaram o jogo, mudaram o panorama.

Defende a ideia de transformar o Campus Centro em um novo “caldeirão” cultural, artístico e intelectual. Sua sugestão é transformar a área central da UFRGS em um polo de ideias e debates, no sentido de desacomodar os acomodados e tornar o campus um lugar de eferescência, de modo que os alunos saibam muito bem aonde ir quando quiserem música, teatro, cultura ou discussões de todos os tipos e sobre todos os temas. Segundo o docente,

a maioria dos alunos da Universidade vem do interior, e ela acrescenta muito pouco à formação política e cidadã desses jovens. “Acho que se deveria criar um centro assim. Eu seria voluntário a ir lá dar meu curso de História do Desenvolvimento Tecnológico. O faria gratuitamente, porque o que mais nos faz falta é fazer o caldeirão ferver e a comunidade acadêmica recuperar o seu espírito, restaurar a identidade da UFRGS, esse sentimento em comum”.

Acredita que antes era primordial fazer pesquisa de base, descobrir novos fatos científicos e novas tecnologias, avançar nesse sentido, mas hoje o mais importante é pensar em maneiras de dar uso ao que já foi criado e descoberto, de colocar em prática o conhecimento acumulado. “Não nego e sempre afirmo que o desenvolvimento científico e tecnológico é essencial. A isso dediquei a minha vida, não só para a pesquisa, mas também para a integração do trabalho que a Universidade faz com o que a indústria produz, porém, esse não é mais o problema crucial, central”. Cita Albert Einstein, que dizia “o bem-estar da humanidade é o fim maior de toda pesquisa. Lembrai-vos disso no meio dos vossos diagramas e das vossas equações”, para explicar que o bem-estar da humanidade hoje está muito mais em

ter clareza sobre o que fazer com o imenso cabedal científico e tecnológico existente do que propriamente em acrescentar mais um pouquinho. Em sua opinião, hoje o problema é saber o que fazer com tudo o que já se conhece e ter vontade política para usar a tecnologia disponível para resolver os problemas que estão à vista de todos. Fez um discurso nesse sentido no Fórum Social Mundial quando o convidaram para falar de estratégias tecnológicas e falou de arrumar a nossa casa antes, usar o saber produzido para dar mais dignidade às pessoas. Esse tema o preocupa muito atualmente e acredita que a situação só será revertida de fato quando o pesquisador tiver uma concepção humanística muito sólida, assim como sua formação científica e tecnológica. “São essas pessoas – muito raras – que têm de assumir a tarefa de dar uso à tecnologia.”

Com relação aos professores eméritos, diz que gostaria que a instituição promovesse encontros periódicos de todos os agraciados, como ocorre em outros países. Acredita que seria muito positivo para a Universidade se a administração

1991 – 1996

TRABALHA COMO PROFESSOR
CONVIDADO NA UNIVERSIDADE PIERRE
ET MARIE CURIE, FRANÇA

2000

É ELEITO PESQUISADOR DESTAQUE PELA
FAPERGS (FUNDAÇÃO DE AMPARA À PESQUISA
DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL)

116

2002 – 2003

EXERCE O CARGO DE DIRETOR-PRESIDENTE
DA FAPERGS

2003

COMEÇA A LECIONAR NA UNIVERSIDADE DE
CAXIAS DO SUL

117

central e os próprios departamentos os ouvissem mais. Comenta que o professor Zawislak vem propondo há anos que se façam debates sobre temas da atualidade em que eles estejam incluídos. Explica que, nas universidades dos Estados Unidos e da Europa, os eméritos são tratados como verdadeiras autoridades em suas áreas, são chamados, convidados a participar dos principais eventos culturais e intelectuais, consultados. Israel lembra que, quando trabalhava na Inglaterra,

viu em Oxford um cartaz enorme e bonito na entrada de um College, anunciando o jantar anual dos professores eméritos. Um deles era “o grande” Charles Singer, com quem estudou História da Tecnologia, e ele falava que o jantar anual era um momento especial, que tinha grande significado para todo o grupo. “O mais importante é aproximar os eméritos das suas unidades, propiciar que sejam ouvidos”, conclui.

2010

É AGRACIADO COM O TÍTULO DE COMENDADOR DA ORDEM NACIONAL DO MÉRITO CIENTÍFICO PELA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



Foto: Museu da UFRGS / Acervo

ANTES MESMO DE ENTRAR NA INSTITUIÇÃO, CONHECEU A RÁDIO DA UNIVERSIDADE, QUE GRAVAVA OS CONCERTOS DA OSPA, E FAZ PARTE DE SUA VIDA ATÉ HOJE